Aula 2 – Métrica e Prosódia Latina - Concepção Moderna e Contemporânea do Gênero[1]

- O verso latino, diferentemente do que ocorre em português, é composto de sílabas longas e breves, unidas em torno de um esquema métrico pré-determinado, denominado pé. A seqüência de pés métricos associada à cesura lhe atribui, ao verso, certo ritmo.
- A atividade de observação das quantidades silábicas de determinada palavra em latim é obra do estudo da Prosódia Latina, enquanto a das medidas e esquemas métricos, se dá pela Métrica Latina.

Prosódia

Sílabas	Regras
Longas	a.) por natureza*
	b.) um ditongo (Æ, Œ, AU, EU)
	c.) vogal originária de ditongo
	d.) vogal originária de contração
	e.) vogal seguida de duas consoantes
	f.) no fim de uma palavra, a sílaba terminada em consoante se a palavra seguinte iniciar por consoante.
Breves	a.) todas as sílabas não seguidas de duas consoantes.
	b.) contêm uma vogal seguida de outra vogal no interior de uma palavra.
	c.) por natureza

***Algumas Sílabas Longas por Natureza**

1ª. Declinação:

Sílabas Finais: ablativo singular; acusativo, dativo e ablativo plural.

penúltima sílaba do genitivo plural.

2ª. Declinação:

Sílabas Finais: genitivo, dativo e ablativo singular; nominativo, vocativo, acusativo, dativo e ablativo plural. (palavras masculinas).

Penúltima sílaba do genitivo plural.

[1] Todas as notações de aula foram elaboradas pelos professores João Angelo Oliva Neto e Paulo Martins a partir de 1999.

3ª. Declinação:

Sílabas Finais: dativo singular; nominativo, vocativo e acusativo plural.

4ª. Declinação:

Sílabas Finais: genitivo, dativo, ablativo singular; nominativo, vocativo e acusativo plural.

5ª. Declinação:

Sílabas Finais: nominativo e vocativo singular; nominativo, vocativo e acusativo plural.

Métrica

Os principais pés métricos podem ser divididos em dois grandes grupos que equivalem a quatro tempos e a três tempos. Vale dizer que há pés com mais tempos. (Nougaret, p. 12)

- **Os pés de três tempos são:**

Três Tempos:

Troqueu - uma longa e uma breve.

—∪

1. Jambo - uma breve e uma longa.

∪—

2. Tríbaco - três breves.

∪∪∪

- **Os pés de quatro tempos são:**

Quatro Tempos:

1. Dátilo - uma longa e duas breves.

—∪∪

2. Espondeu - Duas longas.

——

3. Anapesto - Duas breves e uma longa.

∪∪—

Elisão - Toda palavra terminada por vogal, ditongo ou "m" é elidida, antes de palavra iniciada por vogal, ditongo ou "h".

Exemplos:

∩

1. "cura, nequ(e) assueto mutet amore torum" (Prop. 1,1,36)

∩

2. "non, Id(ae) et cupido quondam discordia Phoebo" (Prop. 1,2,17)

∩

3. "hanc ego, nond(um) etiam sensus deperditus omnis" (Prop. 1,3,11)

- **Sílaba anceps -** A última sílaba de qualquer verso pode ser tanto breve como longa.

- **Cesura (| |) -** "é uma pausa que se faz em um verso em certos lugares fixos, na maioria das vezes após uma sílaba que começa um pé." (CART, 158). Geralmente, a cesura ocorre após o quinta sílaba longa, daí levar o nome de pentemímera. Contudo pode ocorrer no terceiro, no sétimo, e ainda, duas vezes num mesmo verso. (Nougaret, 29-40)

O Dístico Elegíaco

O dístico elegíaco, na verdade, não é um tipo de verso, mas uma estrofe de dois elementos métricos. Isto é uma estrofe cuja formação é composta de um hexâmetro datílico e um pentâmentro (também conhecido como dois hemistíquios de um hexâmetro catalético).

Como o nome já denuncia o hexâmetro é um tipo de verso de seis pés datílicos, ou seja, um verso de seis elementos de quatro tempos:

—∪∪|—∪∪ |—∪∪|—∪∪|—∪∪|—**x**[2]

Já o pentâmetro, igualmente datílico, delineia-se da seguinte forma:

—∪∪|—∪∪|—| |—∪∪|—∪∪|**x**[3]

- **Exemplo:**

Stat vetus   et multos incaedua silva per annos;

Credibile est illi numen inesse loco.

Fons sacer in medio speluncaque pumice pendens,

Et latere ex omni dulce queruntur aves.

Hic ego dum spatior tectus nemoralibus umbris

(Quod mea, quaerebam, Musa moveret opus),

Venit odoratos Elegeia nexa capillos,

[2] ∪ ou —, isto é longa ou breve, pois trata-se da sílaba anceps.
[3] idem.

Et, puto, pes illi longior alter erat;

Forma decens, vestis tenuissima, vultus amantis,

Et pedibus vitium causa decoris erat.

(Ovídio, Amores, 3,1,1-10)

Tradução de João Angelo Oliva Neto:

"A velha e intocada selva por muitos anos está de pé, é justo acreditar que algum nume more neste lugar. Em meio a ela, fonte sacra, a gruta da qual pedem as rochas e as aves de tudo queixam-se com doce lamento. Eu mesmo, aqui, enquanto vago protegido pelas sombras do bosque, quereria o que minha musa impelisse a obra. Surge a Elegia com cabelos cheirosos e trançados e, julgo, um pé é mais longo do que o outro. Sua forma é adequada (*decens*), roupas muito suaves (*tenuissima*), a fisionomia de amante. O defeito (*uitium*) do pé é causa do decoro (*decoris*)."

Exercício

Callimachi Manes et Coi sacra Philitae,

in vestrum, quaeso, me sinite ire nemus.

primus ego ingredior puro de fonte sacerdos

Itala per Graias orgia ferre choros.

dicite, qua pariter carmen tenuastis in antro

quove pede ingressi? quamve bibistis aquam?

ah valeat, Phoebum quicumque moratur in armis!

exactus tenui pumice versus eat,

quo me Fama levat terra sublimis, et a me

nata coronatis Musa triumphat equis,

et mecum in curru parvi vectantur Amores,

scriptorumque meas turba secuta rotas.

quid frustra missis in me certatis habenis?

non datur ad Musas currere lata via.

(Propércio 3,1,1-14)

Tradução de João Angelo Oliva Neto:

Manes de Calímaco e cultos de Filetas de Cós, suplico, permiti a mim seguir em vosso bosque. Eu sacerdote de fonte pura, sou o primeiro a conduzir coros gregos em itálicas orgias.
Dizei em que antro afinastes precisamente (*pariter*) vosso canto? Com que pé ingressastes? Que água bebestes?
Adeus, a todo aquele que se detém em Febo nas armas! Que meu verso espalhe-se suave pela pedra-pomes, pela qual a fama me leva ao ponto mais alto (sublime) da terra e a musa nascida de mim triunfa com corcéis coroados e num pequeno carro, os amores acompanhem-me e turba de escritores, tendo seguido as minhas rodas. Por que lanças em vão contra mim resistentes freios? Não é dada uma larga via até as musas.

Concepção Moderna e Contemporânea do Gênero

Dicionários

1. *Dicionário Houaiss*

substantivo feminino
1. Rubrica: literatura.
poema composto de versos hexâmetros e pentâmetros alternados
2. Rubrica: literatura.
poema lírico de tom geralmente terno e triste
3. Rubrica: música.
canção de lamento; nênia:

substantivo feminino
1. lamentação fúnebre; elegia
2. Rubrica: música.
canção melancólica; elegia

2. O *Dicionário Novo Aurélio – Século XXI*

[Do gr. elegeía, pelo lat. elegia.]
S. f.
1. Arte Poética. Entre os gregos e latinos, poema formado de versos hexâmetros e pentâmetros alternados.
2. Poema lírico, cujo tom é quase sempre terno e triste.
[Cf. epicédio e nênia.]:
[Do lat. epicedion < gr. epikédeion, 'fúnebre'.]
S. m.
1.Composição poética, ou sinfônica, ou discurso, em memória de alguém.

3. *Dictionnaire International des Termes Littéraires* – Bird, Geneviève C. - http://www.ditl.info:

Do latim *elegia* emprestado ao grego, donde canto fúnebre e em seguida canto triste; pode ser origem de origem oriental com o senso de flauta de cana.

Estudo semântico – Definições:
1. Na métrica antiga, designava-se pelo termo elegia uma peça de versos compostos em dísticos elegíacos.
2. Na poesia moderna, o termo se aplica a um pequeno poema lírico sobre um sujeito melancólico e nostálgico.
3. Por extensão, à toda obra poética no registro da tristeza, da melancolia, da nostalgia.

Dístico Elegíaco, Estrofe Elegíaca, Elegistas e Tom Elegíaco - Comentário:

Na Grécia o termo não é determinado pelo tema da peça, mas pela forma métrica empregada que consiste na união de hexâmetros e pentâmetros datílicos alternados, comumente chamados de dísticos elegíacos, cujo acompanhamento na hora da performance era a flauta.
Quanto à natureza da inspiração, ela era muito variada:
1. Temas guerreiros – Calino, Arquíloco e Tirteu
2. Declarações políticas – Sólon
3. Escritos gnômicos – Teógonis de Megara
4. Peças sentimentais – Mimnermo que introduziu o acento melancólico ligado à passagem do tempo.
5. Discursos filosóficos – Xenófanes de Colofon

Mas foram os alexandrinos que, sem mudar a forma, deram à elegia seu tom definitivo:
1. Antímaco
2. Filitas
3. Calímaco

cantam com erudição sutil as alegrias e as penas do amor num estilo delicado.
Em Roma, se, por um lado, foi Ênio que introduziu o dístico elegíaco, por outro, Cornélio Galo é considerado o criador da elegia e cultuado pelos poetas da escola de Catulo,

imitadores dos Alexandrinos. Esses poetas, com efeito, não somente empregaram a elegia nos epigramas e poemas eróticos, mas Propércio e Tibulo, também, produziram peças mais ou menos grandes que revelam ao mesmo tempo seus sentimentos e seus espíritos misturados a conhecimentos mitológicos; com Ovídio, em particular, a elegia se mostra capaz de exprimir com sinceridade os sofrimentos do exílio.

Na modernidade a elegia não é um gênero particular, do ponto de vista da versificação, e está submetido a todas as formas e o que a caracteriza, é a natureza da sua inspiração que aborda o tema do amor, o amor infeliz na maioria dos casos. Na época medieval, as lamúrias dos trovadores se apegam por sua inspiração ao gênero elegíaco.

No século XIV, é Petrarca que, no seu *Cancioneiro*, retoma a tradição dos poetas latinos, tanto que, no século seguinte, Charles d ´Orleans e Villon compõem peças que se pode qualificar de elegias. No entanto, é no século XVI, com o humanismo, que os poetas da *Pleiade* se inspiram na poesia antiga, ao mesmo tempo que os poetas italianos, introduzindo com o termo elegia a expressão de suas dores pessoais devido não somente ao amor, mas também por conta de outras causas.

Assim temos:

1. J. du Bellay – Regrets (1558)
2. Ronsard – Élégies (1565)
3. Desbordes
4. Bembo
5. Alamanni
6. Camões
7. Garcilaso de la Vega
8. Theóphile de Vieu, La Fontaine – Élégie aux nymphes de Vaux (1661)
9. Racine – no coro de Esther (1689)
10. Milton – elegia pastoral Lycidas (1637).

Manuais

1. Bickel, E. – *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Gredos. 1982. pp. 580-1.

“La elegía subjetiva tiene asegurada su existencia como gênero por varios motivos. Está distanciada de la elegía de Calímaco. En ésta, el sentimiento no es un reflejo de la experiencia personal, sino que aquél lo ex-presan las personas del mito. Los fragmentos originales de Calímaco acrecentados con los hallazgos papiráceos no permiten abrigar ninguna duda de que careció de autêntica poesía subjetiva. En la Antigüedad, el fenómeno que se corresponde con el arte elegíaco de Catulo, Tibulo y Propercio no es la elegía alejandrina, sino la de la antigua Jonia, como la de Mimnermo (Cf. Wilamowitz, *Mimnermos und Properz,* en *Berl. Sitzungsber.,* 1912, V, págs. 100-122). Reimpresión con ampliaciones: *Sappho und Simonides,* 1913, págs. 276 sigs.). Frente a la elegía inspirada en el mito, la poesía a Alio de Catulo refleja el elemento subjetivo en un doble aspecto. La directa exteriorización de los propios sentimientos se une a la arbitrariedad asociativa de la ordenación. Cuando, por ejemplo, Catulo intercala los versos lúgubres al hermano en medio de la leyenda troyana de Protesilao y Laodamia, porque casualmente murió en las cercanías de Troya, se convierte lo más episódico en subjetivismo por obra del arte. Por el contrario, el mito, como firme puntal para la estructura, está al servicio de la elegía de Calímaco.

No carecieron los alejandrinos de poesía subjetiva, pero la plasmaron en forma de epigrama. También Catulo utiliza el epigrama de esta manera. La plegaria del poema 76, que ante la tortura de su infeliz amor busca con ingenua piedad refugio en los dioses, disuelve las ideas en un sentimiento tan oscilante que puede considerarse como una breve elegía. Pero lo que diferencia al epigrama del arte superior de la elegía es la falta de contraste de motivos opuestos. Es consustancial a la elegía la pluralidad de los motivos opuestos de la alegría y el dolor.” (...)

“Que efectivamente en la poesía de metro elegíaco haya que buscar la contraposición de los sentimientos, se confirma echando una ojeada al helenismo temprano. Claro que en éste el concepto de lo elegíaco posee en parte, únicamente el sentido de arte métrico formal. La denominación *elegeion* (esto es, *metron* o *epos)* se aplica desde tiempo indeterminado a toda poesía escrita en dísticos. Pero mejor que a tos cantos guerreros y a la admonición moral de esta poesía, cuadraba la medida del dístico elegíaco al estado inseguro del ánimo, que no ofrece sostén a otros, sino que se busca a sí mismo. El paso del hexámetro al pentámetro reproduce el vaivén del sentimiento, y el hecho de que el fluir uniforme de tos dáctilos se vea interrumpido por la coincidencia de las dos sílabas tónicas en el centro del pentámetro obra en el mismo sentido.

El concepto verbal *elegeia* (esto es *poesis)* no remonta a los orígenes del género.

Testimoniado sólo a partir de Aristóteles representa una denominación genérica tardía. Las noticias sobre el origen de la elegía se relacionan con la palabra *eleges, elegoi* de etimología incierta. Cantados al son de la flauta, fueron los *elegoi* del arte popular griego trenas con ocasión de la muerte y de enterramientos. Pero estas procedimientos desembocaron con toda naturalidad en consuelo y en el consejo de que hay que disfrutar de la vida mientras dura. De esta manera se introdujo el contraste de ls sentimientos."**2.**

Conte, G. B. – *Latin Literature: A History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 1994. pp.321-66

All this is important for its bearing on the origins of Latin elegy, one of the most disputed questions in the hisrory of classical philology, and one that we will deal with only in a summary manner, one theory was propounded chiefly by the German scholar F. Leo: noting certain affinities between New Comedy and Latin elegy, he traced them back to a hypothetical model now lost, the presumed Hellenistic subjective-erotic elegy. This theory, that Latin elegy was derived directly from Hellenistic elegy, is generaliy rejected today. The distinctive trait of Latin elegy, the strongly subjective, autobiographical style, has no precedent in any of the Hellenistic elegiac poets, neither in Callimachus, who excludes all autobiographical elements from the elegies of the *Aitia,* reserving them instead for the epigrams, nor in what we can read of Phanocles or Hermesianax. An opposing theory is that of F. *Jacoby,* who regarded Latin elegy as an enlargement and development of Greek epigram, from which it will have derived its subjective character, its situations and motifs. The influence of epigram is quite evident, it is true, but it seems to be noticeable in several individual elegies rather than in the genre as such, and in particular it does not succeed in explaining the presence and function of myth in Latin elegy, where it serves to iliuminate and at the same time dignify the personal situation.

While it is indisputable that the subjective nature of Latin elegy contrasts with the objective, nonautobiographical tone of Greek elegy, the confrast should not be exaggerated to the point of excluding shared traits. The subjectivity of Latin elegy would indeed have been new as a characteristic feature, as a distinctive mark, but it must not have been altogether absent from Greek elegy, neither early elegy nor Alexandrian. The mythological elegy of Antimachus, Philitas, and Hermesianax must in all likelihood have contained *in nuce,* as suggested above, an autobiographical element, a connection, perhaps hardly explicit, between the adventures of the mythic heroes and the personal experiences of the poet. Latin elegy would develop this aspect strongly, preserving, however, certain objective,

gnomic qualifies that generalize the personal story into a wider vision and accommodate elements absorbed from other literary gemes, such as comedy, epigram, tragedy, lyric, and bucolic.

Explicitly, often polemically, autobiographical poetry that insists on proclaiming its roots in the concrete, subjective experience of the poet, elegy tends to frame the individual experiences in typical forms and situations, in recurring ways; this should alert us to the dangers of biographical criticism. One may speak of an elegiac world, with conventional roles and behaviors, and of an ethical principal belonging to ir, an ideology associated with its founding values. Its most characteristic form is represented in Propertius's first book.

Above all it is a poetry of love, since for the elegiac poet love is the sole and absolute experience, completely filling existence and giving it meaning. It is his *aristos bios,* the "perfect form of life" chosen by him, which proudly contrasts itself with the other ethical models available, praclaiming its own superiority and its achievement of *autarkeia,* the satisfying self-sufficiency sought by the philosophies of the day. The poet's life, entirely devoted to love, is figured as *servitium,* as enslavement to the *domina,* who is capricious and unfaithful. His relation to her is made up, naturally, of occasional joys and much suffering. Apart from betraying the lover and making him jealous, she gives herself to him only with difficulty. This is the typical situation of the *paraklausithyron,* in which the rejected lover bewails her cruelty in front of her closed door. And yet the poer, irremediably ill with his passion, abandons himself to a sort of pleased acquiescence in the pain, in the enjoyment of suffering; only occasionally can he make the feeble gesture of rebellion. This is the situation of the *renuntiatio amoris.* The bitter feelings

and continual disappointments lead him to project his own experience into the pure realm of myth or into the happy innocence of a golden age, to exalt his experience by assimilating it to the heroic loves of literature, to transfer it, in other words, to a wholly satisfying, ideal world. Imprisoned in an irregular love, in a passion that alienares and humiliates him, even socially, he leads a life of *nequitia,* a life of degradation and dissipation, since in everyone's eyes his life lacks positive qualities. He repudiares his duties as *civis,* the glorious values of the citizen-soldier, contrasting the softness of love with the harshness of war and with the other forms of degradation associated with it, such as greed and ambition. And he transfers to this sphere all bis moral energy, to the point of absolute devotion: he becomes, not a hero of war, but- an oxymoron - a hero of love.

It is interesting to observe how elegy, which avowedly rebels against the established values of the tradition, against the *mos maiorum,* in fact reclaims them by transferring them into its own world, and it does this while remaining their prisoner still (this is a contradiction, and one of the most conspicuous reasons for the instability of the elegiac system, as is evident, for instance, in the work of Propertius). And when we come to Propertius, we will see (as we have already, in a way, with Catullus) that the lave relation, although institutionally irregular, in that it involves only courtesans or "free" women, never women of respectable society, tends to be figured as a conjugal relation and therefore to be bound by *fides,* safeguarded by *pudicitia,* and suspicious of *luxuria* and urban sophistication.

In this sore of bohemian life led by the elegiac poet, the motives for lave and for poetry writing naturally become identical and delimit the same world. The poetry that is produced by the poet-lover's direct experience and resembles his life should at the same time perform a practical function and serve as a means of courtship *(ite procul, Musae, si non prodestis amanti,* says Tibullus [2,4,14]); it should cooperate in seducing the beloved with the mirage of fame and immortal glory. One natural consequence, of course, is a certain choice of poetics, the rejection of elevated poetry in favor of the light muse, with tones and comem inspired by the immediacy of passion. This takes the traditional form of the *recusatio,* in which the poet justified such a rejection as a necessary choice determined by his own inability.

Here one sees clearly the enormous debt that elegiac poetry owes to Catullus and neoteric poetry. It shares with it, first of all, the revolution in literary taste. Callimachean poetics, the pursuit of formal refinement and concise elegance, several times affirmed by the elegiac poets, Propertius in particular, is now a definite acquisition for latin literature. At the same time, elegy inherits, from Catullus chiefly, the sense of moral rebellion, the taste for *otium,* for a life remote from civic and political engagement and disposed instead to cultivare private sentiments and to make them the object of poetic activity. Thus it is precisely the connection of its two characteristic traits, elegance of form and intensive affective participation, that elegy derives from neoterism and especially from Catullus, in whom it could also find the outline for the new form of composition. Catullus's poem 68, in particular, in which the mythological element has an important function, is often pointed to as the embryo of the future literary genre. Elegiac poetry itself several times shows that it is fully conscious of this cominuity with the neoteric-Catullan tradition, by paying due homage to its predecessors (Propertius 2.34.85; Ovid, *Amores* 3.9.61 ff.).